

APRESENTAÇÃO DE SEÇÃO

LINGUÍSTICA E LITERATURA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Linguistics and Literature: Possible Dialogues

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-28

Cecília Paiva Ximenes Rodrigues*

Elisete Maria de Carvalho Mesquita**

Vivemos numa época em que, para a maioria das pessoas, o acesso aos diferentes tipos de informação é bastante simples, rápido e fácil, afinal hoje, graças ao complexo poder de alcance da internet, podemos, num clique numa tecla ou tela de *smartphone* ou computador, acessar as mais diversas e diferentes fontes, comparar dados e/ou informações e, finalmente, chegar ao conhecimento das coisas. Essas comodidades nos levam a pensar que hoje é muito mais fácil chegar à verdade estabelecida para determinado momento da nossa história, embora a existência de um contexto favorável à busca, à pesquisa não garanta a adequada interpretação dos fatos.

Diante desse cenário e conscientes de que o conhecimento se constrói e se dissemina a partir de uma intrincada rede de relações, objetivamos colocar em discussão algumas questões atreladas à (in)separabilidade de duas grandes áreas do saber: a Linguística e a Literatura, que, ao longo do tempo, vêm enfrentando diferentes desafios na tentativa de construir suas identidades. Nessa trajetória, chama a atenção o modo como os estudiosos de cada área têm conseguido se apropriar dos saberes produzidos e fazer com que dialoguem com pessoas que vivem em diferentes épocas. É nesse sentido que percebermos que a Linguística e a Literatura do século XX, por exemplo, tinham algo a dizer ao homem daquela época, o que

* Doutorado em Literaturas e Culturas Lusófonas. Professora Associada no Departamento de Línguas Românicas da Universidade da Georgia (UGA – Athens, Georgia, Estados Unidos). ORCID: 0000-0002-2460-1017. Email: ceciliar(AT)uga.edu.

** Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Professora titular do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU – Uberlândia, Minas Gerais, Brasil). ORCID: 0000-0001-5638-0039. Email: elismcm(AT)gmail.com; elisete.mesquita(AT)ufu.br.

não é, necessariamente, o mesmo que elas dizem ao homem do século atual. Mudam-se os tempos, muda-se o modo de se lidar com o mundo, mudam-se as verdades, mudam-se, portanto, os homens.

Um olhar para o passado, quando ainda não existia nem computadores, nem internet, nos revela que a Linguística, embora sempre preocupada com o entendimento de questões linguísticas, demorou muito para se transformar no que é hoje. É como afirma Kristeva: “embora a linguagem se tenha tornado um objeto de reflexão específico há já muitos séculos, a ciência linguística, essa, é muito recente” (Kristeva, 1969, p. 13).

A história da Linguística, narrada por diferentes pesquisadores (Robins, 1979; Lyons, 1987; Câmara Júnior, 2006), revela o quanto os interesses dos povos de distintas épocas fizeram com que determinados aspectos dos estudos linguísticos ganhassem mais (ou menos) relevância. Foi assim que vimos, antes da Linguística se constituir como área científica, a gramática normativo-tradicional, principalmente, assumir ares de protagonista. Com o passar do tempo, embora essa perspectiva gramatical ainda tenha grande relevância nos tempos atuais, as várias novas e diferentes correntes da Linguística foram ganhando terreno, o que foi crucial para o entendimento de que a gramática é parte da língua, mas não pode ser com ela confundida. Ou seja, se, por um lado, estudar uma língua não é estudar apenas a gramática dessa língua, por outro lado, não há como estudar uma língua sem que se estude, também, sua gramática. Afinal, a gramática é constitutiva da língua. É como defende Neves:

saber expressar-se numa língua não é simplesmente dominar o modo de estruturação de suas frases, mas é saber combinar essas unidades sintáticas em peças comunicativas eficientes, o que envolve a capacidade de adequar os enunciados às situações, aos objetivos da comunicação e às condições de interlocução. E tudo isso se integra na gramática (Neves, 2002, p. 226).

O surgimento das várias perspectivas da Linguística alterou, profunda e significativamente, o modo de se conceber os fatos da língua, que, desde então, vêm sendo estudados sob vieses que consideram as múltiplas variáveis atreladas à língua(gem) e, portanto, aos complexos sujeitos, “donos” das línguas, que delas se apropriam para a satisfação de uma infinidade de propósitos discursivos. Graças a essa realidade é que hoje, quando se fala em Linguística, estamos falando de uma área interdisciplinar (Fiorin, 2008) que objetiva dar conta não apenas da língua em si, mas de uma série de fatores que direta e indiretamente estão atrelados ao uso que os falantes dela fazem.

Esse rápido passar de olhos sobre o percurso da Linguística, embora, nem de longe, faça jus à sua grandeza, nos autoriza a fazermos, pelo menos, duas afirmações: i) que muitas são as perspectivas linguísticas a se ocupar dos fatos da língua(gem) e ii) que a bela trajetória da Linguística foi construída a partir de erros e acertos, de encontros e desencontros que resultaram numa área do saber cujos braços conseguem não apenas envolver diversas outras áreas que com ela mantêm algum tipo de relação, mas também que consegue fornecer subsídios teórico-metodológicos para essas mesmas áreas. Por meio dessa relação de mão dupla, a Linguística foi capaz de reconhecer muitas de suas falhas ou limitações, transformando-se numa área científica mais plural e dialógica. Nesse processo de autocompreensão e de autocorreção, é importante destacar quão significativa tem sido a parceria estabelecida com a Literatura, que, por sua vez, também vem se reiventando na tentativa de corresponder ao que dela se esperou no passado e/ou se espera nos dias atuais.

Embora nosso propósito não seja detalhar os caminhos percorridos pela Linguística e pela Literatura e, nem tampouco, estabelecer comparações entre elas no que diz respeito ao modo como cada uma se firmou como campo do saber que atravessou distintas fases da história da humanidade, entendemos ser relevante e necessário apresentar, tal qual fizemos com a Linguística, alguns aspectos da trajetória da Literatura. Essa intenção nos leva não apenas a uma definição desse campo do saber, mas também à identificação dos interesses que a movem. Assim, dentre as múltiplas possibilidades de se definir o complexo universo literário, oferecemos ao leitor uma visão panorâmica e analítica a partir da qual ele pode ser considerado.

De acordo com o crítico literário Antonio Candido, o processo de formação da literatura brasileira adquire concretude por volta da primeira metade do século XIX. Compreendendo a literatura como sistema, Candido (2000) afirma que vários fatores contribuíram para seu estabelecimento, a saber, um conjunto de produtores literários, um conjunto de receptores e um mecanismo transmissor, identificado por ele como uma linguagem traduzida em estilos. Dentro desse contexto, a definição de literatura oferecida pelo poeta romântico Gonçalves de Magalhães, presente em seu discurso sobre a História da Literatura brasileira, proferido em 1836, ilustra bem a ideia de sistema:

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões,

o despertador de sua glória e o reflexo progressivo de sua inteligência. E, quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra, com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo, do qual é ela o único representante na posteridade. (Costa, 2014, p. 91)

Distinguem-se claramente, na citação, os produtores da literatura (que trabalham a partir de ideias, filosofia, moral, beleza, virtudes e paixões) e os receptores (o povo e as gerações futuras). O modo como o poeta vê a literatura é típico da escola romântica, quando a nação, o povo, a realidade e a sociedade eram enfaticamente idealizados. Isso também se observa no uso estético da linguagem, no que concerne, nesse caso, à escolha do vocabulário, através do uso de palavras como sublime, heroico, glória, inteligência etc. É, pois, a partir dessa época de sistematização que se estabelece o cânone literário brasileiro, entendido como um conjunto de obras consideradas como referência e representantes da alta cultura. É diante desse cenário, segundo a crítica feminista Zahidé L. Muzart, que a tradição dominante, composta por homens brancos da elite, eleva à categoria de universais atemporais os pressupostos holísticos de verdade e significado, que sustentam a sua configuração (1995, p. 89). Dito de outra forma, o nosso passado literário julga universal a experiência do homem branco e, como consequência, invisibiliza historicamente a produção de mulheres, negros, homossexuais, indígenas, classes economicamente desfavorecidas etc.

Contudo, a partir de meados do século XX, num contexto de ceticismo pós-moderno, constata-se um progressivo posicionamento crítico ao cânone, a partir de questionamentos relativos às categorias de universalidade, racionalidade, hierarquia e ideologia. Assim, uma definição excludente de literatura, na qual o Outro não pode falar, já não serve aos produtores, receptores e, nem mesmo, à linguagem, que busca outros modos de narrar experiências diversas. Na esteira dessa crítica contumaz ao sistema literário com um todo, observa-se a emergência de vozes historicamente silenciadas, fato que não só “tem desencadeado uma verdadeira desarticulação da visão canônica”, mas que também “deverá mudar a historiografia oficial que levou em conta somente o *corpus* de textos canônicos e, mais importante, deverá mudar nossa própria maneira de encarar nossa própria história” (Muzart, 1995, p. 89). Trata-se de um momento histórico ímpar nas letras brasileiras, no qual a diversidade de vozes, estilos, experiências e visões de mundo alargam o que se entende por literatura na

contemporaneidade. Essa breve incursão no vasto território da Linguística e da Literatura nos mostra que os caminhos percorridos por elas, embora distintos, haja vista que se trata de áreas também distintas, possuem confluências que, muitas vezes, não são reconhecidas nem mesmo por aqueles que com elas convivem. Essa afirmação pode ser facilmente confirmada caso prestemos um pouco de atenção às afirmações feitas por graduandos dos cursos de Letras, por exemplo, que, ao longo do curso, se envolvem com ambas as áreas, mas, que, em dado momento, se vêem na necessidade de optarem, devido a diferentes razões, por uma delas. Essa escolha envolve, não raro, uma série de variáveis, reveladoras de que alguns graduandos entendem essas duas áreas como concorrentes, que, portanto, não dialogam uma com a outra. Nesse caso, afirmações que (des)valorizam apenas uma área são muito comuns. Entretanto, contrariando aqueles que pensam dessa maneira, é preciso dizer que Linguística e Literatura são áreas parceiras que, de modo mais (ou menos) explícito, trocam experiências quando o que importa são situações que dizem respeito à apropriação da língua para a produção textual oral e escrita.

O reconhecimento e, portanto, a aceitação dessa parceria é crucial, particularmente, para o ensino-aprendizagem de línguas, pois, como sabemos, ao se estudar/ensinar¹ uma língua não se objetiva desenvolver meramente a capacidade dos estudantes de produzir e de compreender estruturas básicas dessa língua. Muito mais do que isso, objetiva-se conduzi-los ao domínio de uma realidade linguístico-discursiva heterogênea e multifacetada que lhes é apresentada no dia a dia. É nesse terreno, portanto, que, para nós, o diálogo entre Linguística e Literatura ganha mais dinamicidade, haja vista que ambas essas áreas se debruçam sobre os múltiplos aspectos das produções textuais, o que envolve a leitura e a escrita. Nesse sentido, é essencial, no ensino de língua e literatura para falantes nativos e estrangeiros, investigar os fenômenos gramaticais que servem de alicerce para a construção de efeitos de sentido no texto literário, ou seja, “o olhar para aspectos formais da língua deve estar intimamente relacionado à construção dos sentidos que as formas linguísticas permitem sinalizar” (Lucena, 2020, p. 342). Assim, visando a fornecer aparato teórico-metodológico para que estudantes, pertencentes a

¹Entendemos que nas aulas de língua portuguesa para falantes nativos, estuda-se e não se ensina a língua. Diferentemente dessa realidade, quando a língua portuguesa se configura como língua estrangeira ou como segunda língua, LE e L2, respectivamente, temos, de fato, uma situação em que o estudante visa a aprender a língua.

distintos níveis de formação, possam aprimorar suas capacidades leitora e escritora, a Linguística e a Literatura juntas, ou mesmo separadas, têm muito a nos dizer.

Para que essa parceria seja bem-sucedida, é, entretanto, necessário atentar-se para as concepções de linguagem e de ensino adotadas, pois é por meio delas que somos guiados a fazer e nos fazer perguntas como: o que é estudar/ ensinar uma língua? Quais os objetivos que se tem ao se estudar/ensinar uma língua? Quem são os sujeitos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem? Questões como essas, atreladas às suas respostas, nos conduzirão a um trabalho didático-pedagógico em que todas as formas de interação são valorizadas.

Para Geraldi (1985, p. 43), sob essa forma de conceber a linguagem, “o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala”. Adotar essa concepção significa dar autonomia ao estudante, para que ele possa crítica e conscientemente assumir seu lugar no mundo. Adotar essa concepção de linguagem significa também garantir que as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) sejam cumpridas. Afinal, segundo esse documento, uma das competências básicas do ensino da Língua Portuguesa é:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2018, p. 87).

Embora o uso da expressão “leitura literária” possa, num primeiro momento, nos remeter simplesmente à leitura de textos literários, é preciso dizer que essa prática vai muito além da leitura pela leitura. Segundo Cosson (2015), na escola, a leitura literária não pode ser confundida com o ensino de conteúdos sobre a literatura, nem tampouco, com atividades de lazer. Com base nesse entendimento, o autor chama a atenção para a necessidade de se compreender os amplos significados do ensino da Literatura, da leitura literária e do letramento literário (Cosson, 2021).

No que diz respeito ao ensino de línguas, especificamente, os benefícios da parceria entre a Linguística e a Literatura são, portanto, inegáveis. Entretanto, se extrapolarmos esse universo, podemos dizer que viver num mundo onde o acesso aos diferentes saberes é mais

fácil e rápido, como dissemos anteriormente, e não reconhecer a interação entre essas áreas é ignorar a diversidade de conhecimentos produzidos por elas e os pontos de contato existentes entre muitos deles. É negar, em última instância, a natural tendência das ciências sociais ao diálogo.

Referências

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 dez. 2023.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. **História da linguística**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- COSSON, R. A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino? **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015. <https://doi.org/10.14572/nuances.v26i3.3735>
- COSSON, R. Ensino de literatura, leitura literária e letramento literário: uma desambiguação. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 35, p. 73-92, jan-jun. 2021. <https://doi.org/10.47250/intrell.v35i1.15690>
- FIORIN, J. L. Linguagem e interdisciplinaridade. **ALEA**, v. 10, n. 1, p. 29-53, jan.-jun. 2008. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ed. Assoeste; 1985.
- KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- LUCENA, N. L. de. Diálogos possíveis entre Linguística e Literatura: o papel da análise linguística para a construção dos efeitos de sentido em textos literários. **Leitura**, Maceió, n. 67, p. 340-353, set.-dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>
- LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MAGALHÃES, J. G. de. Discurso sobre a História da Literatura do Brasil (1836). *In*: COSTA, R. A. de. (Org.). **Historiografia da literatura brasileira: textos fundadores (1825-1888)**. Rio de Janeiro: editora Caetés, 2014.
- MUZART, Z. L. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**. v. 3, p. 85-94, 1995.

NEVES, M. H. D. M. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Tradução de Luís Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

Recebido em: 09.02.2024

Aprovado em: 15.02.2024